

GES  
PCP

PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES: UNI-VOUS

# BOLETIM

ANO 2  
(SERIE ILEGAL)  
Nº 2  
JANEIRO

# INTER-PRISIONAL

ÓRCÃO DA CÉLULA COMUNISTA DA FORTALEZA DE PENICHE

## TRABALHADORES, DETENHAM A GUERRA!

As montanhas indô, lê, Dolo, Axum, Aduá e conhecimento do mun-ração do continente negro os frutos do domínio  
 pitas da Etiópia, os deses, quantos outros rios de "civilizado".  
 tos do Ogadern e da Dankalia, bárbaros, de bárbaros pe As bombas incendiárias, as classes possai  
 as margens ubérrimas do voados africanos, acas rias e explosivas, os ga-doras - a destruição ea  
 Lago Tsana, Dessié, Meca-bam de entrar para o ses asfixiantes e tóxicos morte.



dos imperialistas do Itã. Mossulini passou pa-  
 lia, herdeira das tradições e História. E' digno  
 "civilizadoras" do Império de figurar entre os grandes  
 Romano, levaram ao co-metadores de homens.

E' dos seres mais odi-  
 dos do mundo e será abo-  
 minado pelas gerações vir-  
 doras.

Mas não é apenas  
 em Africa que a burgue-  
 sia chacina trabalhadores.

As mesmas causas que  
 a levam a destruir os atô-  
 pes, isto é a posse dos jazi-  
 gos petrolíferos, tornam-na  
 feroz e exasperada.

Há guerras no Chaco  
 Boreal, entre a Bolívia e  
 o Paraguay ou antes en-  
 tre a "Standard Oil" e a  
 "Royal Dutch", as duas  
 grandes companhias  
 de petróleo, da Norte-  
 -América e da Inglatê-  
 ra. Os imperialistas japo-  
 neses anexaram a Man-  
 churia, o Jehol, o Cha-  
 -Har, o Ho-pei, a von-  
 (continua na página)



# Aspectos da prisão



# Perguntas e Respostas

O convívio com tais companheiros, aliás, nunca mais nos permitiu fazer quaisquer observações curiosas e que se prestam admiravelmente à crítica.

Todos conhecemos um tipo de camarada muito corrente entre nós.

É aquele que aconselha sempre muita prudência; que recusa fazer qualquer trabalho que possa complicar-lhe a vida prisional e leva-lo a segredo ou a arranjar-lhe novo processo; « nada de papelinhos », afirma êle; qualquer observação dum companheiro lhe causa desgosto; aproveita as pequenas pizias e as discussões, que às vezes se travam, a propósito dum púcaro ou dum coque que não aparece, para proclamar o seu desgosto e o propósito de se abalar do trabalho revolucionário.

Quando se aproxima o dia de terminar a pena a sua duração aumenta a tal ponto que é capaz de cometer uma baixada para se não comprometer.

No entanto, sempre que vem a propósito diz o que fará lá fora: « lá fora é que é trabalhar », « a prisão não se faz a revolução », « o que é preciso é a liberdade », « não se pode fazer nada lá fora, mas dois ou três anos, por causa de fazer um boletim », são estas algumas das muitas frases oportunistas desses camaradas.

É natural que nos ocorra o seguinte raciocínio: mas se é tão preciosa a liberdade e se não nos deixamos mexer para que nos deixem sair mais cedo, quando lá nos ex-

confermos, aliás, nunca mais nos permitiu fazer quaisquer observações curiosas e que se prestam admiravelmente à crítica. Portanto o palavrado de tais camaradas é a preparação da tirada.

Os comunistas trabalham onde estiverem desenvolvendo a máxima actividade possível.



Não há muitos dias foi posto em liberdade um preso. Sucede isto muitas vezes; quase todos os dias. Referimo-nos ao facto por nos ter permitido observar o que segue.

Como todos os presos que são postos em liberdade êle teve que pagar a passagem da camioneta para a terra. Não tinha dinheiro. Fez-se uma subscrição: « Quem era o preso? » perguntaram os camaradas a si próprios.

Fazia fortes a fortaleza; dias antes consentira a fechadura de uma das casernas, tornando-a mais sólida. É triste que um camarada ajude a afeitar melhor os seus camaradas.

No entanto, sempre que vem a propósito diz o que fará lá fora: « lá fora é que é trabalhar », « a prisão não se faz a revolução », « o que é preciso é a liberdade », « não se pode fazer nada lá fora, mas dois ou três anos, por causa de fazer um boletim », são estas algumas das muitas frases oportunistas desses camaradas.

Passado algum tempo ou outro camarada é posto em liberdade.

Havia necessidade de arranjar dinheiro para a passagem. Ele é completamente diferente do outro. A subscrição rendeu 50\$00.

A nossa atitude na prisão é observada por todos os camaradas. Os exemplos apontados são

1.ª P. - A revolução proletária não será diferente de país para país? Não podemos falar da revolução russa como um fenómeno, puramente regional russo?

1.ª R. - A pergunta é complexa e de grande importância para a frente única. Não resulta dum acordo entre organizações de diferentes ideologias, mas sim das massas letivas são mundiais.

A ditadura do proletariado não é uma necessidade russa, por tempo presente, indole, passividade, sadismo e mesquinismo do povo russo, como pretendem falsos cientistas.

É uma necessidade sim da revolução proletária, para a destruição completa das classes possuidoras, quer na Rússia e na China, como a América em França ou nos Estados Unidos.

O Estado, de forma soviética, surgiu espontaneamente em toda a parte, onde o proletariado luta pelo poder ou tirou-o.

E, como estes, numerosos traços fundamentais e muitos outros secundários da revolução proletária. São nas particularidades que aparecem diferenças, que, em nada, contradizem a universalidade da revolução.

2.ª P. - Na frente única abdicamos das nossas ideias, cedemos uma parte para que as outras cedam também, e nos passamos a proximidade?

2.ª R. - Não camarada, não há nenhuma abdicção. Nós somos comunistas sempre ea frente única não é isso.

Quando nos aparece uma questão concreta, por ex. a luta contra um abaixamento de salários numa fábrica, propomos a todos os operários de todas as tendências, para que juntos lutem

indizes eloquentes do conceito Império Britânico, explorado que fazemos de cada um de nós de mais de 500 milhões de trabalhadores

1.ª R. - O comité de organizações anarquistas, anarco-sindicalistas e socialistas, não tendo a conseguir a frente única; as alianças operárias que se formem

2.ª R. - A frente única forma-se à base dos pontos em que todos concordarem, como no exemplo presente - luta contra o abaixamento de salários.

3.ª P. - Que é uma fracção comunista?

3.ª R. - Uma fracção comunista é o conjunto dos camaradas comunistas que fazem parte da direcção dum organização de massas. Por ex. num sindicato unitário, na Comissão Executiva, ha cinco camaradas, dos quais tres são comunistas, estes a constituem a fracção.

Num congresso do mesmo sindicato, como a direcção nessa altura é o congresso, todos os comunistas que tomarem parte no congresso constituem a fracção comunista.

4.ª P. - Nós devemos apoiar ou não a luta dos egipcios contra a Grã-Bretanha?

4.ª R. - Apoiamos as lutas de emancipação das colónias e dos países dependentes. A independência do Egipto prejudica o imperialismo inglês; o Egipto é um dos pontos estratégicos do

Império Britânico, explorado de mais de 500 milhões de trabalhadores



# Bento, Souza e Fogaca

Estes camaradas, presos em 11 de Novembro, foram deportados para Angra do Heroísmo a 8 de Janeiro.

Sabemos que foram torturados e submetidos às mais cruéis barbáridades. O Bento ficou com a cara trçada pelos golpes de cavalo marinho. Alguns camaradas viram ainda os sinais que o cavalo marinho produziu no corpo do Fogaca. O José de Sousa foi o que mais sofreu; contra ele dirigiu a polícia todo o ódio que nos Terr...

Sempre que a polícia prendeu dirigentes do Partido comunista e proclama ter destruído o Partido. Por várias vezes já disse.

Quando os camaradas de uma crise económica a que se assiste no seu desenvolver e agravamento depois de prender uns camaradas, afirmou que não da mais existia do Partido.

Teve de constatar que que se enganou.

Agora, depois da prisão daqueles camaradas torturados e afirmar o mesmo.

Contudo, o Partido fortalece-se. Novos camaradas vêm preencher o lugar dos camaradas presos. A nossa imprensa progride. Os jornais melhoram e já sairão alguns novos.

O Partido Comunista Português é já um partido de massas, indelével por todas as forças fascistas em conjunto.

Despui por diante assistemos a um fortalecimento de liberdade e bem-estar, o que não soube criar mais do que a medida que se aproxima das Revoluções Proletárias.

# Vémetas de Guerra

Vai começar de novo em preparação de novas gentes às fileiras dos exércitos burgueses para a participação numa nova guerra imperialista. Essas gentes são nas suas maneiras as massas laboriosas dos campos, das fabricas e oficinas que, ferozmente, serão arrancadas à vida e ao seio das famílias para serem usadas nessa outra frente de montes defendendo e reivindicando interesses burgueses.

O capitalismo, depois de uma etapa de 27 anos post-guerra, caiu, como antes, na eclusão dessa hecatombe de tragédias, numa fase crítica e desesperada de contradições, que originaram a catástrofe da 2ª guerra mundial. Não conseguindo, corria se esgotando, sair do marasmo em que se afundava deitando mão de formulas capazes de evitar a desastrosa derrocada, procurou uma saída para o mundo, como se preparava para a sua queda.

De novo emergidas, a solução para o seu complicado problema.

Deitando, de relance, uma Capital mundial e estabelecendo, em seguida, o contraste entre a situação económica de todas essas países com a da U.R.S.S., observa-se uma antítese perfeita que nos mostra: — que em igual período de paz o capitalismo, promelando às suas explorações o próprio domínio de liberdade e bem-estar, não soube criar mais do que a expressão a essas mesmas massas...



# Jean Cassou

Queria transcrever a resposta de Cassou ao manifesto dos intelectuais de direita, antigo 'As Civilizações', publicado no 'Mondou', de Paris. Não me satisfizo por falta de espaço, dar a continuação.

Apoiamos inteiramente o camarada ao dizer: — A guerra que breve se iniciará em saia, os seus primeiros passos nos darão a conhecer, ainda que fôssemos contra as tribus mais bárbaras, porque, neste caso, o bárbaro é ele. É uma criatura e uma mulher, que manuseia feridas por uma barbata, não são, já, barbaras as vítimas da barbaria.

Terminou o seu artigo e contra esses atropelamentos de um terrário sangüinário, da sua Roma, da sua civilização latina e de todas as flores de reatância e de mitologia, nós irraciosos, a própria Itália, a sua história, a sua vida mental dos seus costumes, os exemplos de belas e de bem viver que ela deu incessantemente, o mundo, as suas recordações, as suas figuras ilustres, a sua existência. S. Francisco de Assis, o seu heroico Garibaldi que não se inflama se não pelas causas justas, toda esta grande Itália de Dante, de Leonardo, de Michelangelo, que não tem necessidade de largues e de cartões para se irripôr ao armar de guerra. Que horror digno do século XIX.

preparando-se activamente para se deitar noutras campanhas de morte, ao contrário do sistema social que consegue equiparar para as obrceiras, uma situação desoladora, vindo manifestar, através de sua politica pacifista, seu desejo ardente de evitar que os países se lanceem numa nova guerra, em luta pela Capital.

— A guerra que breve se iniciará em saia, os seus primeiros passos nos darão a conhecer, ainda que fôssemos contra as tribus mais bárbaras, porque, neste caso, o bárbaro é ele. É uma criatura e uma mulher, que manuseia feridas por uma barbata, não são, já, barbaras as vítimas da barbaria.







# A FRENTE ÚNICA, NÓS E OS ANARQUISTAS

# Vida Prisional

Aproveitamos todas as ocasiões que se nos depararem para estabelecer a unidade de classe, condição indispensável para derrotarmos a burguesia.

Aqui na prisão podemos, como temos feito, levar a cabo a tarefa de estabelecer a frente única, pelo menos, em seções parciais.

As dificuldades são enormes pela ausência sistemática dos dirigentes anarquistas que se encontram entre nós.

Não há dias que não nos dirigidas duas propostas para estabelecimento de uma frente única dentro da prisão.

Em vez de independentes umas das outras e servirem apenas de base para uma discussão.

A primeira era: Transformar a «Caixa de Solidariedade», caixa de auxílio aos camaradas necessitados, cujas funções são oblidadas por cotização voluntária de todos os camaradas pelas rifas, venda de tabaco e de nativos, transformar, pois, a Caixa em um organismo único de solidariedade, para onde entraria todo o auxílio do S.V.I. e da solidariedade de suas organizações.

Não aceitaríamos alegando que queriam autonomia em relação à solidariedade que recebemos de suas organizações.

Replacarmos que poderíamos gozar dessa autonomia e que estavamos de acordo em que, neste caso a Caixa aceitasse receber o auxílio do S.V.I.

Negaram aceitar.

A outra proposta era: Redigir um protesto comum contra o terror e o fascismo e exigido a amnistia.

Acusaram alegando que não concordavam com a amnistia mas sim com a nossa libertação.

Aceitamos esta variante que o discutamos (cont. pag 6)

Temos continuado a polémica com os camaradas anarquistas. Já realizamos depois da notícia que demos no último número do Boletim, várias pessoas, nos quais umas vezes fazemos exposições sobre as diferentes problemáticas que temos tratado.

Não nos é possível fazer, aqui um relato, nem sequer aproximado, do que temos discutido, por ser pequeno o espaço e muita a matéria.

Os camaradas a quem as palestras interessam, poderão ler extratos delas que publicamos na revista teórica da nossa célula, «O FOGO».

Entre outras questões, tratamos de: «O conceito de liberdade»; «A Ditadura do proletariado»; «A U.R.S.S. na S.D.N.»; «A política de paz da U.R.S.S.»; «O Movimento Macronista na Alemanha»; «Abandono dos anarquistas frente à U.R.S.S.»; «Frente Única e Frente Popular»; «Objectivos da I.C.»; etc, etc.

Ultimamente estão-nos respondendo à pergunta: «Que faziam os anarquistas, quando os comunistas, caso triunfasse uma revolução orientada por eles, tendo em vista a tensão que lutaremos sempre pelos objectivos da I.C.».

Replacarmos que mesmo assim era inaceitável por não concordarem com um movimento deste, que partisse cá de dentro.

Fui-lhes informado que o S.V.I. iniciara já esse movimento.

Então declararam que não queriam.

Mas, dissemos-lhes, vocês têm escripto artigos na vossa imprensa, contra o terror, o fascismo e exigido a nossa libertação.

Pois aceitamos que tragam um desses artigos para que o discutamos (cont. pag 6)

Não há muito tempo contemplamos uma fotografia da interior duma vacaria modelo, da América do Norte.

Não havia camaráda que a visse que não dissesse, em seguida: «Se a nossa caserna assim fosse!»

As janelas rasgadas, deixavam penetrar a luz a jorros; uma ventilação cientificamente distribuída; a água corrente; a limpeza e a higiene, como elementos dominantes, fizeram-nos irrojos.

A luz de qualquer das casernas é deficiente. Três pequenas janelas deixam passar a luz, através das lamentáveis grades.

Em casernas de 20 metros por 6 de largura estão 40 camaradas em média.

Entre as camas não há intervalos.

Camaradas doentes, alguns tuberculosos, convivem numa promiscuidade perigosa, com os outros, fatalmente candidatos ao contagio.

Alguns dormem junto às paredes retrêtas.

Passamos mais de um mês sem lavar as casernas, sob pretexto de que as obras (umas obras que já terminaram e que não podiam prejudicar) não permitem lavarmos as camas para a cerca.

Não temos água corrente, nem suficiente, nem luz.

Os estábulos modernos suplantam em tudo as nossas casernas.

Os fascistas perderam toda a dignidade e consideram-nos menos, de que quaisquer animais irracionais.

A volta às instituições médicas observa-se em todas as formas de vida do fascismo.

Anunciatam-nos um

palmeiro para Outubro. Parece que está já terminado. Pelo menos, as operarias já lá não andam.

Contudo, continuarmos a banhar nas casas de lavagens (de roupa e retrêto simultaneamente).

Os chuveiros improvisados não nos permitem uma limpeza conveniente. Além que não temos dinheiro para o petróleo necessário ao aquecimento da água. Estamos em pleno inverno e aqui o frio é duro.

Julgamos que a direcção da cadeia espera talvez que o Carmo ou Salazar venha inaugurar o balneário...

Não nos admira nada. As realizações do Estado são sempre inauguradas pelos chefes fascistas.

Não se inaugura chafariz ao ar livre, em qualquer aldeola do país que não meta, pelo menos, Carmo...

O rancho... que dizer sobre o rancho? Não tem porta por onde se lhe pague...

Às vezes, de longe em longe, pode comer-se o rancho. Nessas alturas falta. Das outras vezes sobram duas a três listas das de petróleo, cheias. Os porcos da Fortaleza é que lucram.

Não será mesmo esse o objectivo de alcançar com tal rancho? Não será para erguer os porcos que o fazem de dinheiro que não o possamos comer?

Tudo leva a crer que sim.





# TRABALHADORES DETENHAM A GUERRA!

(Continuação de 2ª pag.)



Her, Otto-pei, avança-se na Mongólia Interior e ameaça a República Popular da Mongólia Exterior e os territórios soviéticos da China. Sorbtem como Império Armado e provocam a U.R.S.S. em Danzica, na Saxe, na Silésia, na Mandchúria, na Níbia, no Egito, da Índia e da Birma, da África do Sul, do Sudão, da Etiópia, da Austrália e da Nova Zelândia e dominam 31 milhões de quilómetros quadrados do globo.

A França fusila na Indo-China, quilitina em França, mata em Marrocos e na Argélia e tortura na Caiena.

A Alemanha introduz a mediocridade medieval na sua legislação. Os revolucionários são garrotados pelo tirano do Fovou (Hitler), desparecem e fogem dos campos de concentração. Os cadáveres são depois encontrados nas margens do Danúbio na Austria.

Os pontos estratégicos multiplicam-se. A cada momento se espera que a guerra mundial estoure na Austria, na Alemanha, na Polónia, na Lituânia, na Arménia e provocam a U.R.S.S. em Danzica, na Saxe, na Silésia, na Mandchúria, na Níbia, no Egito, da Índia e da Birma, da África do Sul, do Sudão, da Etiópia, da Austrália e da Nova Zelândia e dominam 31 milhões de quilómetros quadrados do globo.

As ameaças da guerra anti-soviética aumentam num ritmo sempre crescente. A guerra vem como solução para a crise e a revolução ascendentes. Os capitalistas querem fazer a revolução para evitar a eclosão imediata da revolução.

Retardar a guerra mundial é, para nós, apressar a revolução. Trabalhadores de todo o mundo, ouvi o grito consciente e entusiástico de milhares de vossos que se encontram a ferros:

## Detenham a guerra!

## A frente única etc.

(Continuação da pag. 5)

para que discutamos e transformemos num documento corrente.

Alegaram haver meu ambiente entre nós e eles; só depois dele dissipado é que seria possível um entendimento.

Terranha má vontade é inacreditável.

Contudo não desistimos da nossa tarefa.

Comserui normas a frente única da classe operária.

## ESTATÍSTICA DE PRESOS

Estão actualmente na Fortaleza de Peniche 188 presos, dos quais 102 são filiados no Partido Comunista.

Das outras 86 são anarquistas e anarco-sindicalistas, 80 republicanos, 3 fascistas, 1 do Bloco, 7 expulsos do Partido e 64 simpatizantes comunistas.

Os comunistas são todos operários à excepção de 7 mineiros, 3 estudantes, 1 pintor e um matemático.

# As proletariados de todos os países:

No extremo ocidental do continente europeu, numa das extremidades da península Ibérica, existe uma Fortaleza medieval, edificada sobre rochas às quais o mar dá um combate contínuo. As muralhas são demasiado espessas.

Além de muralhas existem grades. Derrito das grades, pedem de duzentos trabalhadores, correndos vossos.

São eles que vos dirigem este apêlo:

### Comrades!

Um governo feroz, dum regime irriquo e bestial, tornou-nos para a situação em que nos encontramos, sem dividir das mais deploráveis que seres humanos podem suportar.

Depois de torturados, esparticados e maltratados na Polícia Política, uns condemnados ao Tribunal Militar Especial e outros ainda por julgar, fomos trazidos para a Fortaleza de Peniche.

Aqui, 40 correndos mortos em cada casa, apertados, quasi empilhados, por condições reburrias de higiene.

Os dentes vivem com dor, no nosso lado, se nos inter-valos entre as nossas carmas.

Em Junho, quando dum levantamento de presos com as novas imposições do comando, fomos agredidos pela guarda republicana e pela policia. Lírios sub-chefes nos mandam ameaçado com o fuzilamento.

O segredo e a casa-mata, são covis. Estamos submetidos a um regime de terror que pesa violentemente sobre nós.

Sabeis, comrades, o que é ter fome e frio? É horrível não se ter sequer um pouco de café. E gornitos rezes, nos momentos de lazer?

As nossas companheiras e os nossos filhos encontram-se em situações análogas.

Pis bem, nós temos uma única esperança de ser libertados. Temos uma única forma limitada de nos salvarmos de here, em nós, comrades.

É a nossa revolução revolucionária, é a luta sem tréguas que desmantelamos a burguesia e o capitalismo que nos dá a liberdade.

É necessário, é imprescindível que todos os trabalhadores unam as suas forças, é necessário que, de Portugal à Índia-China, da Alemanha ao Brasil e outros ainda por julgar, os trabalhadores constitua um só bloco, o bloco da Revolução.

A nossa libertação, como a de nossas irmãs vítimas de Hitler e de Mussolini, e de toda a burguesia, está intimamente ligada à nossa libertação.

Ajudai-nos, comrades, a quebrar as cadeias!

Os Trabalhadores presos na Fortaleza de Peniche.

Comunidade de Peniche enviou este apêlo, pelo caminho correto, com pedido de reprodução. Comrades revolucionários de Portugal, pe di-nos que publicais o nosso apêlo e o divul-guem em todos os países; na nossa imprensa publica e na edição do nosso apêlo.